



GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA INDEPENDENTES DE SÃO TORQUATO

RUA ANÉSIO JOSÉ SIMÕES Nº 01 – SÃO TORQUATO – VILA VELHA/ES

ENREDO CARNAVAL 2015

LIBERDADE !! UM GRITO QUE ECOA DE NORTE A SUL DESTES PAÍSES. ÁFRICA AQUI SE FEZ RAÍZ.

INTRODUÇÃO

DA TERRA DO REI DA ALVORADA, VIM PARA UM NOVO CONTINENTE E AQUI MINHA HISTÓRIA FIZ, NOS TUMBEIROS (NAVIOS) NASCI E CHEGUEI, NESTE NOVO MUNDO RESISTI AO HOMEM BRANCO, NA UNIÃO ENCONTRAMOS A FORÇA, NO SOLO SAGRADO "OH MÃE TERRA GENTIL", NOS LIBERTASTES, E FISSESTES DE NÓS A VOSSA NAÇÃO, VERDE E AMARELO ÉS A PATRIA, HOJE DE VERMELHO E BRANCO SOMOS O CORAÇÃO QUE PULSA FORTE NESTE MEU BRASIL.

DESENVOLVIMENTO

A África é o terceiro continente mais extenso (atrás da Ásia e da América) com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, cobrindo 20,3 % da área total da terra firme do planeta. É o segundo continente mais populoso da Terra (atrás da Ásia) com cerca de um bilhão de pessoas (estimativa para 2005), representando cerca de um sétimo da população mundial, e 54 países independentes.

Apresenta grande diversidade étnica, cultural, social e política. Dos trinta países mais pobres do mundo (com mais problemas de subnutrição, analfabetismo, baixa expectativa de vida), pelo menos 21 são africanos. Apesar disso existem alguns países com um padrão de vida razoável, mas não existe nenhum país realmente desenvolvido na África. A Líbia, Maurícia e Seicheles têm uma boa qualidade de vida. Ainda há outros países africanos com qualidade de vida e índices de desenvolvimento razoáveis, como a maior economia africana, a África do Sul e outros países como Marrocos, Argélia, Tunísia, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

A África costuma ser regionalizada de duas formas, a primeira forma, que valoriza a localização dos países e os dividem em cinco grupos, que são a África setentrional, a África Ocidental, a África central, a África Oriental e a África meridional. A segunda regionalização desse continente, que vem sendo muito utilizada, usa critérios étnicos e culturais (religião e etnias predominantes em cada região), é dividida em dois grandes grupos, a África Branca ou setentrional formado pelos oito países da África do norte, mais a Mauritânia e o Saara Ocidental, e a África Negra ou subsaariana formada pelos outros 44 países do continente.

ETIMOLOGIA

Afri era o nome de vários povos que se fixaram perto de Cartago no Norte de África. O seu nome é geralmente relacionado com os fenícios como afar, que significa "poeira", embora uma teoria de 1981, tenha afirmado que o nome também deriva de uma palavra de berbere, ifri, palavra que significa "caverna", em referência à gruta onde residiam. No tempo dos romanos, Cartago passou a ser a capital da Província de África, que incluiu também a parte costeira da moderna Líbia. Os romanos utilizaram o sufixo "-ca" denotando "país ou território". Mais tarde, o reino muçulmano de Ifriqiya, actualmente Tunísia, também preservou o nome. Outras etimologias têm sido apontadas como originárias para a antiga denominação "África".

No século I, o historiador judeu Flávio Josefo (Ant. 1.15) afirmou ter sido nomeado para Ephraim, neto de Abraão, segundo o Gênesis (25:4), cujos descendentes, segundo ele, tinha invadido a Líbia. *aprica*, palavra latina que significa "ensolarados", mencionada por Isidoro de Sevilha (século VI), em *Etymologiae* XIV.5.2 *aphrike*, palavra grega que significa "sem frio". Esta foi proposta pelo historiador Leo Africanus (1488-1554), que sugeriu a palavra grega *phrike* (φρίκη, significando "frio e horror"), combinado com o prefixo privativo "-um", indicando assim um terreno livre de frio e de horror. Massey, em 1881, afirmou que o nome deriva do egípcio *af-rui-ka*, que significa "para virar em direção a abertura do Ka." O Ka é o dobro energético de cada pessoa e de "abertura do Ka" remete para o útero ou berço. África seria, para os egípcios, "o berço."

Pré-história, Antiguidade e Idade Média

As quatro colossais estátuas de Ramsés II na entrada do templo de Abu Simbel, símbolos da civilização do Antigo Egito. O fato de estar presente o homem no continente africano teve seus primórdios quando se iniciou a era quaternária ou terminou a era terciária. A maioria dos restos de homínidos fósseis que os arqueólogos encontraram — *australopithecus*, *atlasopithecus*, homens de Neandertal e de Cro-Magnon — em lugares diferenciados da África é a demonstração de que essa parte do mundo é importante no processo evolutivo da espécie humana e indica, até, a afirmação de ser possível que o homem tenha suas origens nesse continente. A história da arte que vai entre o paleolítico e o neolítico tem suas semelhanças comparáveis à de outras áreas dos continentes europeu e asiático, com diferença de locais onde as regiões mais se desenvolveram. A maioria das zonas do interior do continente, meio posto em isolamento, em contraposição ao litoral, tiveram permanência em épocas estagiadas do período paleolítico, apesar de se começar a processar a neolitização do território em 10000 a.C., com uma diversidade de graus acelerados.

O Norte da África é a região mais antiga do mundo. O fato de a civilização egípcia florescer e se inter-relacionar com as demais áreas culturais do mundo mediterrâneo teve vínculo estreito nessa região, há milhares de séculos, com que se desenvolveu geralmente a civilização ocidental. As colônias que pertenciam à Fenícia, Cartago, o processo de romanizar o continente, os vândalos que se fixaram e o Império Bizantino que influenciou tem deixado na totalidade da parte da África banhada pelo Mar Mediterrâneo uma parte principal da cultura que posteriormente quem assimilou e modificou foram os árabes, o que foi encontrado pela civilização no continente africano a importância de um campo em que se expandiu e consolidou a cultura muçulmana no Norte da África. As áreas de expansão do Islã foram o Sudão, o Saara e o litoral leste, favorecendo o acompanhamento das rotas de comércio do interior da África (escravos, ouro, penas de avestruz) e o estabelecimento de enclaves marítimos (especiarias, seda) no Oceano Índico. Naquela época, era conhecida pela África negra uma quantidade de impérios e estados que floresceram. Estes impérios e estados nasceram de tal forma que os grandes clãs e tribos se submeteram ao poder de um só soberano que era adepto do feudalismo e da guerra. Entre esses impérios de maior importância figuram o de Aksum, na Etiópia, que teve sua chegada ao apogeu no século XIII; o de Gana, que se desenvolveu do século V ao século XI e os estados muçulmanos que o sucederam foram o de Mali (do século XIII ao século XV) e o de Songhai (do século XV ao século XVI); o reino Abomey de Benin (século XVII); e a confederação zulu do sudeste africano (século XIX).

TRANSPORTE DE ESCRAVOS

Navio negreiro (também conhecido como "navio tumbeiro") é o nome dado aos navios de carga para o transporte de escravos, especialmente os escravos africanos, até o século XIX.

Aprisionados no interior da África subsaariana, por outros africanos que lucravam com o tráfico, os escravos eram trazidos em marcha forçada até o litoral do continente, onde os sobreviventes, que não haviam sido comercializados localmente, eram despojados de suas roupas e eventuais pequenos pertences que ainda carregassem consigo, para serem vendidos aos comerciantes europeus, que os embarcavam nos navios negreiros. Neles, os escravos eram destinados aos porões da embarcação, onde ficavam presos em grupos às correntes. Cada navio, levava em média quatrocentos africanos amontoados. O mau-cheiro imperava, e o espaço para movimentação era mínimo, porque embora navios deste tipo fossem geralmente grandes, se otimizava o espaço do mesmo para caber o maior número possível de escravos.

A partir de 1432 quando o navegador português Gil Eanes levou para Portugal a primeira carga de escravos negros vindos da África que os portugueses começaram a traficar os escravos com as Ilhas das Madeiras e em Porto-Santo. Mais adiante os negros foram trazidos para o Brasil.

A história dos navios negreiros é das mais comoventes. Homens, mulheres e crianças eram transportados amontoados em compartimentos minúsculos dos navios, escuros e sem nenhum cuidado com a higiene. Conviviam no mesmo local, a fome, a sede, as doenças, a sujeira, os agonizantes e os mortos. Em média transportava-se 400 negros em cada compartimento desses.

Sem a menor preocupação com a condição dos negros, os responsáveis pelos navios negreiros amontoavam negros acorrentados como animais em seus porões que muitas vezes advinham de diferentes lugares do continente africano, causando o encontro de várias etnias e que por vezes eram também inimigas. Seus corpos eram marcados pelas correntes que os limitavam nos movimentos, as fezes e a urina eram feitas no mesmo local onde permaneciam. Os movimentos das caravelas faziam com que muitos passassem mal e vomitassem no mesmo local. Os alimentos simplesmente eram jogados nos compartimentos uma ou duas vezes por dia, cabendo aos próprios negros promover a divisa da alimentação. Como os integrantes do navio não tinham o hábito de entrar no porão, os mortos permaneciam ao lado dos vivos por muito tempo. Quando o navio encontrava alguma dificuldade durante seu trajeto, o comandante da embarcação ordenava que os negros moribundos ou mortos fossem lançados ao mar, como alternativa para reduzir o peso do navio. Nestes casos, o mar acabava se tornando a única saída dos negros para a luz, antes de chegarem aos destinatários do comércio.

A organização da Companhia dos Lagos propunha-se a incentivar e desenvolver o comércio africano e dar expansão ao tráfico negreiro, sua viagem inicial motivou a formação de várias companhias negreiras, tais como: Companhia de Cacheu (1675), Companhia de Cabo Verde e Cacheu de Negócios de Pretos (1690), Companhia Real de Guiné e das Índias (1693) e Companhia das Índias Ocidentais (1636). No Brasil, devido ao êxito do empreendimento, deu-se a criação da Companhia Geral de Comércio do Brasil (1649). Somente no século XIX que as leis proibiram o comércio de negros. Entre 1806 e 1807, a Inglaterra acabou com o tráfico negreiro em seu Império e em 1833 proibiu o trabalho escravo. No Brasil, mesmo após o tráfico negreiro ter sido proibido, a escravidão permaneceu até 1888. O tráfico transatlântico de escravos africanos começou a entrar em decadência, somente a partir da sua abolição no início do século XIX pelo Reino Unido, com alguns países como o Brasil persistindo em sua prática, até serem forçados a abandoná-lo décadas depois. Devido às péssimas condições, físicas e psicológicas, em que se encontravam os escravos transportados, muitos morriam, eram mortos ou suicidavam-se durante a travessia.

QUILOMBO

A palavra quilombo vem de "ochilombo", de um dialeto banto (Os bantu, constituem um grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsariana que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes. Muitos quando vem a net pesquisar algo, pensam que vão achar um dicionário Bantu, porém, vale ressaltar que Bantu não é o nome do dialeto e sim do povo. Ba - Plural Muntu / Ntu - Ser humano, na maioria das linguas, dialetos, de Angola essa palavra tem a mesma tradução, logo para que não houvesse nenhuma discriminação com algum povo de Angola, o nome do povo virou Bantu - Seres Humanos, Seres da mesma tribo) até hoje falado por certos povos em Angola, de onde veio à maioria dos escravos brasileiros. Designava acampamento usado por populações nômades. No Brasil, deu nome aos núcleos de resistência à escravidão. O período de maior formação dos quilombos foi entre os séculos XVI e XIX.

Organização, economia e vida

Os quilombos tinham uma organização parecida com as aldeias africanas, de onde os quilombolas eram originários. Havia uma divisão de tarefas e todos trabalhavam. Um líder geralmente comandava o quilombo. Viviam, principalmente, da agricultura de subsistência e da pesca. Podiam viver de acordo com seus hábitos culturais africanos e praticar livremente seus cultos religiosos.

Quilombolas

Os quilombolas eram aqueles que habitavam os quilombos, ou seja, ex-escravos de origem africana que conseguiam fugir das fazendas e engenhos e buscavam moradia nestes quilombos.

Combate aos quilombos

Era muito comum os fazendeiros e senhores de engenhos contratarem homens armados para desfazerem os quilombos e capturar os escravos fugitivos. Ocorreram vários combates entre estes homens e os quilombolas durante o período colonial.

Os quilombolas resistiam e, muitas vezes, protegiam o quilombo mantendo sua existência.

Quilombo dos Palmares

O quilombo que ficou mais conhecido foi o de Palmares. Teve como um dos principais líderes o ex-escravo conhecido como Zumbi dos Palmares, em Alagoas, que entrou para a História como o maior símbolo da luta negra pela liberdade. Em 20 de novembro, comemora-se o dia da Consciência Negra. Esta data é a mesma em que Zumbi foi assassinado, em 1695, em uma emboscada armada por bandeirantes que queriam destruir o Quilombo dos Palmares. Zumbi virou mártir da luta pelo fim da escravidão.

Quilombos remanescentes

Até hoje, principalmente em regiões do interior do Brasil, existem quilombos. Chamados de quilombos remanescentes, eles são habitados por descendentes de ex-escravos. Uma das principais lutas dos quilombolas atuais é pela posse da terra.

QUILOMBO DE ORIXIMINÁ

Quilombo de Oriximiná, que ficava localizado na floresta amazônica a onde os negros, vivam nas matas, e usam como os índios, As comunidades que vivem na região de Oriximiná tinham na agricultura e no manejo sustentável da floresta uma garantia para a sua sobrevivência e das próximas gerações. Quilombo de Ambrósio localizava-se na divisa de Ibiá (ambos municípios de Minas Gerais). situava-se, na verdade, em Cristais - MG e que houve um segundo Quilombo de Ambrósio - que surgiu após a morte do Rei Ambrósio- este, sim, situado em Ibiá.

O Quilombo de Campo Grande se situava na região entre São Paulo e Minas Gerais. () acreditava que esse quilombo era habitado por mais ou menos 20 mil pessoas, mas hoje estima-se que sua população girava em torno de 10 mil. Conhecido por ter sido maior em tamanho do que a "Esparta Negra" (Quilombo dos Palmares), o Quilombo do Campo Grande acolhia cerca de 27 núcleos com subdivisões.

Quilombo de Marambaia

A história de Marambaia está diretamente relacionada com o tráfico de escravos do século XIX. Era na ilha de Marambaia que o Comendador Breves, um importante senhor do café e do tráfico de escravos da época, deixava seus escravos em um período de "engorda", antes de serem vendidos para outros senhores. Há notícias de que por lá passaram pelo menos seis mil escravos. Segundo contam os moradores da ilha, antes de morrer, em 1889, Breves doou toda a ilha para os ex-escravos que ainda permaneciam nela. No entanto, como realizou essa doação apenas verbalmente, sua família não cumpriu esse compromisso e em 1891 vendeu as terras para a Companhia Promotora de Indústrias e Melhoramentos. Em 1905, a ilha foi adquirida pela União. Os quilombolas continuavam vivendo no local quando, em 1939, o Presidente da República Getúlio Vargas doou a ilha para a construção de uma escola profissional de pesca, a Escola Técnica Darcy Vargas, que era mantida por uma instituição ligada à Igreja denominada Abrigo Cristo Redentor.

Seguiu-se então um período de grande prosperidade para a ilha da Marambaia e para seus moradores. Os quilombolas passaram a ter acesso a hospital e outros serviços públicos que antes não dispunham, além de poderem cursar a escola de pesca e ter à sua disposição fábricas de gelo e sardinha.

NEGRO COSME E A BALAIDA UM QUILOMBO DO MARANHÃO

A Balaiada foi um dos maiores conflitos ocorridos no Brasil. Entre 1838 e 1840, o Maranhão foi palco de uma insurreição popular em que os quilombolas tiveram participação decisiva. A Independência do Brasil deu início a um período de grande instabilidade política no Maranhão. Diversas rebeliões

aconteceram entre 1822 e 1840, em função da disputa pelo poder por parte de vários grupos da elite local. Os conflitos envolveram ainda pessoas das camadas livres pobres. Tal situação facilitou as fugas de escravos e a formação de quilombos.

Ademais, os escravos apropriaram-se das idéias liberais, das notícias da Revolução Francesa e de outros movimentos de Independência ocorridos nas demais colônias européias na América. Os escravos não estavam privados, portanto, das influências revolucionárias existentes nas primeiras décadas do século XIX. Tanto é que existiram, nesse mesmo período, várias conspirações de escravos pela liberdade. A Balaiada ocorreu em consequência da luta entre liberais, conhecidos como bem-te-vis, e conservadores. Naquele momento, os liberais encontravam-se impedidos, pelos conservadores, de participar das decisões políticas. Os bem-te-vis desencadearam violenta oposição ao Presidente da Província. Foi importante ainda, para a eclosão da Balaiada, a crescente revolta da população pobre e escrava contra as arbitrariedades da elite, como os seguidos aumentos dos preços da farinha e da carne. Além disso, a partir de 1838 passou a existir um grande recrutamento de homens pobres para servir nas tropas do Império em outras províncias. No momento de eclosão da Balaiada já havia uma guerra entre os mocambeiros e a sociedade escravista. Em novembro de 1839, escravos liderados por Cosme Bento das Chagas iniciaram uma insurreição em várias fazendas da região de Itapecuru-Mirim. Os escravos rebelaram-se contra os seus senhores, pegaram em armas e proclamaram-se livres. Diante disso, os fazendeiros fugiram de suas propriedades. Tal circunstância permitiu que os escravos se aquilombassem com mais facilidade. Aproveitando a turbulência, Cosme juntou 3 mil negros em torno de si e organizou uma base na fazenda da Lagoa Amarela. A propriedade era de Ricardo Nava, e situava-se às margens do rio Preto, afluente do rio Munim. Nava foi obrigado pelos rebeldes a assinar uma carta de liberdade para seus duzentos escravos, antes de ser executado. A ousadia de Cosme contribuiu para que mais escravos se integrassem ao grupo.

Quilombos das Minas Gerais

Minas Gerais foi um dos estados brasileiros que possuiu maior população negra escrava no país. A mineração atraiu pessoas de vários lugares para essa região, que prometia enriquecimento fácil e rápido. Muitos foram os que trouxeram ou adquiriram escravos para o trabalho pesado nas minas. A fuga dos escravos e a conquista de terras para viver em liberdade marcaram a história das Minas Gerais. Um grande número de quilombos se formou nessa região. Após a abolição da escravatura, muitos permaneceram nos territórios conquistados por seus antepassados ou ocuparam novos espaços a fim de iniciar uma vida de liberdade. Nessa trajetória histórica, muitos territórios foram ocupados. Atualmente, os descendentes de escravos lutam para conseguir se manter em suas terras e ter seu direito de propriedade sobre elas. Hoje, são mais de 400 comunidades quilombolas que lutam por seus direitos em Minas Gerais. A maioria delas localiza-se na zona rural e algumas em centros urbanos. As regiões do estado com maior concentração de comunidades quilombolas são a região norte e a nordeste, com destaque nesta última para o Vale do Jequitinhonha.

Quilombo de TIMBÓ

O quilombo de Nossa Senhora de Nazareth do Timbó está localizado em Iratama, distrito pertencente ao Município de Garanhuns, situado no agreste meridional de Pernambuco. Nesse município estão localizadas também as comunidades quilombolas Castainho, Estivas, Estrela, Tigre, entre outros. Segundo os moradores mais antigos, a origem do quilombo está relacionada à chegada a Garanhuns de um escravo fugido da Bahia, o Negro Roque. Nesta cidade, Negro Roque foi trabalhar com o padre do local. Sentindo que seu dono poderia estar em seu encalço, Negro Roque confessou ao religioso que era um cativo fugitivo e pediu ajuda, caso o seu senhor aparecesse por ali. Então, eles combinaram que, se isso ocorresse, o sacerdote compraria a sua alforria. Em poucos dias, o dono do Negro Roque chegou ao agreste pernambucano. O religioso cumpriu a sua palavra e comprou a liberdade de seu ajudante e de seus três filhos, que viviam escravizados na Bahia. Tornando-se livres, Roque e seus filhos, a conselho do padre, começaram a procurar um lugar desabitado para que pudessem viver e trabalhar. Encontraram a área onde hoje está a comunidade e o sacerdote sugeriu que o terreno fosse regularizado por meio do pagamento anual do dízimo de foro. A forma de proteção legal conseguida por Roque às suas terras foi estabelecer que tal área fosse de propriedade de Nossa Senhora de Nazareth. Aos poucos, outros negros foram chegando ao local e se estabelecendo em Timbó. Roque casou-se novamente, aumentou sua família e viveu ali até seus últimos dias. Nossa Senhora de Nazareth tornou-se a padroeira da comunidade, que ergueu, no passado, uma capela em seu nome e organiza anualmente uma comemoração em sua homenagem.

Quilombo Onze Negras

O Quilombo Onze Negras encontra-se situado no município de Cabo de Santo Agostinho, na região metropolitana de Recife, a capital do estado de Pernambuco. Aproximadamente 486 famílias vivem nessa comunidade. A história da comunidade traz recordações de momentos de grandes dificuldades e muitas lutas. Neles, as mulheres sempre desempenharam papéis importantes como líderes. Foram elas que fundaram a associação comunitária e que garantiram conquistas em educação, saúde e assistência para a comunidade.

Quilombos dos Pampas

Os quilombos do Sul do país eram, em geral, constituídos por pequenos agrupamentos de escravos fugidos. Essa característica explica-se em parte pelo fato de os cativos do Sul terem fácil acesso a países vizinhos para onde fugiam. Além disso, a falta de acidentes geográficos na região dos pampas que pudessem esconder os fugitivos dificultava a formação de grandes aglomerados humanos. Em geral, tais quilombos possuíam entre 10 e 30 integrantes, composto em sua maioria por homens.

As principais regiões econômicas e geográficas do Sul do país assentadas no braço feitorizado contavam com a presença de quilombos em seus arredores, como o litoral. O continente, a oeste das grandes lagoas existentes no estado, e a Serra (apesar da colonização tardia) também foram abrigo de diversas manifestações de resistência negra.

Outra singularidade dos quilombos sulinos diz respeito à sua localização. Existia uma grande quantidade de quilombos vivendo muito próximos aos centros urbanos, especialmente nas regiões de Porto Alegre, Rio Pardo e Rio Grande. Eram constituídos por cativos urbanos, acostumados ou conquistados pela vida citadina. A vida rural lhes seria desconhecida ou pouco atraente. Esse foi o caso dos quilombos de Negro Lucas e de Manoel Padeiro.

As principais aglomerações urbanas da Colônia e do Império possuíam grandes concentrações de trabalhadores escravizados. Escravos em fuga faziam-se passar por libertos ou negros livres ou permaneciam nas imediações das aglomerações, onde fundavam pequenos quilombos.

O Rio Grande do Sul também abrigou quilombos rurais cujos integrantes, em geral, garantiam o seu sustento por meio da caça, da coleta, da pesca e da pequena agricultura. Em alguns casos, eles também obtinham outros produtos como sal, pólvora, fumo e chumbo, por meio da troca ou da rapinagem. Foi o caso do quilombo de Preta Vitória, em Rio Pardo. Esses quilombos eram geralmente mais estáveis do que as formações urbanas, pois tinham mais facilidade de passar despercebidos pelos capitães-do-mato, responsáveis por destruir tais agrupamentos. Os quilombolas não viviam isolados de outros setores da sociedade da época. Alguns deles chegavam a prestar serviços clandestinos a senhores, que por sua vez não os denunciavam. Era comum que estes últimos acobertassem os negros fugidos quando necessário. Nem todos os núcleos de resistência foram constituídos por escravos fugitivos. Em certos casos, o acesso a terra e à liberdade foi possível graças à doação de seus antigos senhores. Em outros, ex-escravos conquistaram suas terras por meio da compra em regiões pouco valorizadas. Também há casos de negros libertos que viviam coletivamente junto de outros escravos fugidos em determinado território.

A comunidade quilombola de São Miguel, existente até hoje, se constituiu graças à compra de terras por seus ancestrais em finais do século XIX. Já as terras da atual comunidade de Casca foram obtidas por meio de um testamento deixado pelos então senhores.

Comuns a todos esses quilombos era a disposição para resistir à dominação da sociedade escravista. Escondidos no mato ou próximos da cidade, munidos de armas de fogo ou trabalhando para antigos senhores, várias foram as formas encontradas para se conquistar a liberdade.

ABOLIÇÃO ESCRAVATURA

Na época em que os portugueses começaram a colonização do Brasil, não existia mão-de-obra para a realização de trabalhos manuais. Diante disso, eles procuraram usar o trabalho dos índios nas lavouras; entretanto, esta escravidão não pôde ser levada adiante, pois os religiosos se colocaram em defesa dos índios condenando sua escravidão. Assim, os portugueses passaram a fazer o mesmo que os demais

europeus daquela época. Eles foram à busca de negros na África para submetê-los ao trabalho escravo em sua colônia. Deu-se, assim, a entrada dos escravos no Brasil.

Processo de abolição da escravatura no Brasil

Os negros, trazidos do continente Africano, eram transportados dentro dos porões dos navios negreiros. Devido as péssimas condições deste meio de transporte, muitos deles morriam durante a viagem. Após o desembarque eles eram comprados por fazendeiros e senhores de engenho, que os tratavam de forma cruel e desumana.

Apesar desta prática ser considerada “normal” do ponto de vista da maioria, havia aqueles que eram contra este tipo de abuso. Estes eram os abolicionistas (grupo formado por literatos, religiosos, políticos e pessoas do povo); contudo, esta prática permaneceu por quase 300 anos. O principal fator que manteve a escravidão por um longo período foi o econômico. A economia do país contava somente com o trabalho escravo para realizar as tarefas da roça e outras tão pesados quanto estas. As providências para a libertação dos escravos deveriam ser tomadas lentamente. A partir de 1870, a região Sul do Brasil passou a empregar assalariados brasileiros e imigrantes estrangeiros; no Norte, as usinas substituíram os primitivos engenhos, fato que permitiu a utilização de um número menor de escravos. Já nas principais cidades, era grande o desejo do surgimento de indústrias. Visando não causar prejuízo aos proprietários, o governo, pressionado pela Inglaterra, foi alcançando seus objetivos aos poucos. O primeiro passo foi dado em 1850, com a extinção do tráfico negreiro. Vinte anos mais tarde, foi declarada a Lei do Ventre-Livre (de 28 de setembro de 1871). Esta lei tornava livre os filhos de escravos que nascessem a partir de sua promulgação.

Em 1885, foi aprovada a lei Saraiva-Cotegipe ou dos Sexagenários que beneficiava os negros de mais de 65 anos. Foi em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, que liberdade total finalmente foi alcançada pelos negros no Brasil. Esta lei, assinada pela Princesa Isabel, abolia de vez a escravidão no Brasil. A vida dos negros brasileiros após a abolição

Após a abolição, a vida dos negros brasileiros continuou muito difícil. O estado brasileiro não se preocupou em oferecer condições para que os ex-escravos pudessem ser integrados no mercado de trabalho formal e assalariado. Muitos setores da elite brasileira continuaram com o preconceito. Prova disso, foi a preferência pela mão-de-obra européia, que aumentou muito no Brasil após a abolição. Portanto, a maioria dos negros encontrou grandes dificuldades para conseguir empregos e manter uma vida com o mínimo de condições necessárias (moradia e educação principalmente).

QUILOMBOS DE HOJE

Apesar da luta e pela conquista da liberdade, hoje ainda o negro luta em sua nova batalha, que é o dia a dia, por uma educação melhor, onde acorda cedo e vai lutar por uma vaga para seus filhos, terem uma educação e vivência melhor na sociedade, a luta dos pela saúde, onde correm atrás de vagas, para poderem se consultar com os doutores, para saberem se sua saúde esta desprovida para luta do dia a dia, e o, moradia, que esta localizada em favelas, muitas ainda providas da violência e caos urbano, da falta de condições de uma vivência melhor. Mesmo assim com todos os problemas de hoje, o negro nunca desistiu e se faz os guerreiros do dia a dia, os palmares de seus lares, as balaiadas das suas lutas e sempre Rei Negro do samba, por isto contaremos e cantaremos vários quilombos, e mostraremos a história e a vida de uma raça que lutou e se fez historia no país.

FONTES:

<http://www.dicionarioinformal.com.br/bantu/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo>

<http://www.brasilecola.com/historiab/quilombo-dos-palmares.htm>

<http://www.historiabrasileira.com/>

AUTOR DO ENREDO: ALEXANDRE MARTINS CASOTTI

CARNAVALESCO: ALEXANDRE MARTINS CASOTTI